REVISTA DA FUNDARTE
ANO 21
NÚMERO 45
JUNHO DE 2021
FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE ARTES DE MONTENEGRO
ARTE EDUCAÇÃO E PERFORMANCE

DE TER INVEJA DAS VEIAS DE UM CACHORRO

Daniel Aleixo
Pedro Ferreira

DOI: 10.19179/2319-0868/864

ALEIXO, Daniel; FERREIRA, Pedro. De ter inveja das veias de um cachorro. *Revista da FUNDARTE.* Montenegro, p.01-07, ano 21, nº 45, junho de 2021.
Disponível em: http://.seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/revistadafundarte/index> 30 de junho de 2021.

REVISTA DA FUNDARTE
ANO 21
NÚMERO 45
JUNHO DE 2021
FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE ARTES DE MONTENEGRO
ARTE EDUCAÇÃO E PERFORMANCE

DE TER INVEJA DAS VEIAS DE UM CACHORRO

Daniel Aleixo[1]
Pedro Ferreira[2]

Resumo: O presente texto é uma tradução do manifesto escrito por Tatsumi Hijikata publicado no Japão em 1969, originalmente intitulado *Inu no jo myakuni shitto suru koto kara* (犬の静脈に嫉妬することから). A versão da qual os autores se basearam para a tradução é a publicada em inglês pela revista *TDR/The Drama Review Spring 2000, Vol. 44, No. 1 (T165), pp. 56–59*. O manifesto *De ter inveja das veias de um cachorro* é posterior a apresentação mais importante da carreira de Hijikata no que diz respeito à dança butô, a chamada *Revolta da Carne* (1968). O texto segue uma linha de pesquisa do dançarino em relação a um corpo feito de carne que depende do mínimo para se movimentar e consegue escavar sua potência de movimento para a dança através da debilidade e da doença. Nesse momento, Hijikata passa a se interessar mais pelos corpos socialmente doentios e desligados da saúde para desenvolver sua ideia de corpo debilitado, ou *suijakutai* (衰弱隊).

Palavras-chave: Butô; Tatsumi Hijikata; Dança das trevas; Corpo debilitado; Revolta da carne.

TO BE ENVYED OF A DOG'S VEINS

Abstract: This text is a translation of the manifesto written by Tatsumi Hijikata published in Japan in 1969, originally entitled *Inu no jo myakuni shitto suru koto kara* (犬の静脈に嫉妬することから). The version on which the authors relied for translation is that published in English by *TDR / The Drama Review Spring 2000, Vol. 44, No. 1 (T165), pp. 56–59*. The manifesto Of being jealous of a dog's veins comes after the most important presentation of Hijikata's career with regard to the butô dance, the so-called *Rebellion of body* (1968). The text follows a line of research by the dancer in relation to a body made of meat that depends on the minimum to move and manages to excavate its power of movement for dance through weakness and disease. At that moment, Hijikata became more interested in socially sick bodies and disconnected from health to develop his idea of a weakened body, or *suijakutai* (衰弱 体).

Keywords: Butoh; Tatsumi Hijikata; Dance of darkness; Weakened body; Revolt of the flesh.

Somente quando, apesar de ter um corpo normal e saudável, você passa a desejar que fosse deficiente ou tivesse nascido deficiente é que você dá seu

[1] Ator-pesquisador graduando em Artes Cênicas na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) (2016 - 2022), tendo realizado intercâmbio na Universidade de Estudos Estrangeiros de Tóquio (2019-2020). Foca seus estudos científicos no teatro, no cinema e na dança do Japão assim como diálogos entre a arte e as contraculturas do século XX. Costuma elaborar pesquisas científicas de cunho prático-teórico.
[2] Ator-pesquisador bacharel em Artes Cênicas pela Universidade Estadual de Campinas (2016-2021). Membro do grupo Casca de Teatro e do grupo Criados Mudos.

ALEIXO, Daniel; FERREIRA, Pedro. De ter inveja das veias de um cachorro. *Revista da FUNDARTE.* Montenegro, p.01-07, ano 21, nº 45, junho de 2021.
Disponível em: http://.seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/revistadafundarte/index> 30 de junho de 2021.

primeiro passo no butô. A pessoa que dança butô tem tal desejo fervente, semelhante à ânsia infantil de ser aleijado.

Quando vejo crianças arremessarem gravetos e pedras em um cachorro que tenta fugir de vista, depois o encurralam contra a parede, e então o espancam gratuitamente, eu sinto inveja do cachorro. Por quê? Porque é o cachorro que mais se beneficia neste caso. É o cão que tenta as crianças e que, sem considerar a própria situação, se expõe completamente. Certo tipo de cão talvez até o faça com seus intestinos pendendo vermelhos de sua barriga.

Com peixes e pássaros, as coisas são bem diferentes. Primeiramente, peixes não tem pernas. E mais, devo me preparar de várias maneiras antes de adentrar aquele mundo pouco iluminado que os peixes vêem todos os dias. Com pássaros, não sou capaz de me excitar a não ser que antes esmague-os junto com seus ninhos antes de pegá-los. Tenho meu primeiro arrepio apenas depois de afastar obstáculos pesados com esforço, para então encontrar uma dezena de ovos incubando embaixo de tudo.

Eu sou capaz de olhar um corpo humano nu dilacerado por um cão. Esta é uma lição essencial para o butô e leva à questão de qual ancestral exatamente uma pessoa do butô é.

Eu adoro caixas torácicas, mas, novamente, me parece que a caixa torácica de um cachorro é superior à minha. Isto pode ser uma velha imagem mental que eu tenho. Em dias chuvosos às vezes vejo a caixa torácica de um cão e me sinto derrotado por ela. Desde o início, meu butô não teve necessidade de gordura incômoda ou curvas supérfluas. Apenas carne e ossos, com o mínimo possível de músculo – este é o ideal. Se veias azuis podem ser vistas pela pele de um cão, então não há necessidade alguma do corpo de uma mulher. Mesmo quando, como agora, eu me esforço para escrever algo, uma mulher não é de ajuda; ela não é capaz de servir nem como apagador. Eu sei disto desde que me lembro, com um entendimento que reverbera fundo em meu coração.

ALEIXO, Daniel; FERREIRA, Pedro. De ter inveja das veias de um cachorro. *Revista da FUNDARTE.* Montenegro, p.01-07, ano 21, nº 45, junho de 2021.
Disponível em: http://.seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/revistadafundarte/index> 30 de junho de 2021.

Eu anseio continuamente pelo sentido de onde começar, um sentido que eu tenho sido incapaz de determinar em minha própria vida e que não se manifesta no meu talento. Eu aprecio animais molhados e os corpos dos velhos, secos como árvores mortas, precisamente porque acredito que através deles eu talvez consiga me aproximar de meu desejo. Meu corpo anseia ser cortado em pedaços e se esconder em algum lugar frio. Eu penso que este é, afinal, o lugar para onde retornarei e estou certo de que, congelados e prestes a caírem, o que meus olhos tiverem visto lá é simplesmente uma intimidade com coisas que continuam a morrer suas próprias mortes.

Eu tenho vez e outra pensado sobre manter um cadáver. Mas me entedio com coisas como algodão e teias de aranhas, lâmpadas ou pão, que requerem manuseio cuidadoso. Sem dúvida, eu também cresci derretendo meu cérebro enquanto afogava no futon do armário e comia bolachas de arroz encharcadas, mas aqueles sentimentos, aquelas emoções agora se perderam totalmente em algum lugar do meu corpo e são incapazes de se desenvolverem em algo remotamente próximo do terror que senti, me perguntando para onde eu tinha ido na calada da noite.

Se o paradeiro de comida que pode nos abalar é perdido, penso que humanos serão tão bons quanto meio mortos. Tenho uma memória infantil de comer tanta galinha, um alimento que aterrorizava tanto meu corpo quanto minha mente, que eu apenas mordiscava outras comidas, sem engoli-las. Por apenas este motivo meu corpo desenvolveu várias características importantes. Da mesma forma, entretanto, eu era constantemente punido de forma severa. Quando eu via crianças com suas bocas escancaradas ou crianças afogando seus corações em águas rasas, eu pensava que elas eram meramente criaturas gordas e bagunçadas, lá apenas para a reprodução. Ovas de salmão me pareciam os intestinos de Cristo e eu não as comia. Eu tenho hoje um desejo que aumenta incessantemente de me afastar da comida consumindo apenas o ar ou colocando um pequeno pedaço de madeira entre meus dentes. Porque eu acredito que as coisas que somem quando devoradas se estabeleceram no meu corpo, eu talvez possa finalmente impedir que

ALEIXO, Daniel; FERREIRA, Pedro. De ter inveja das veias de um cachorro. *Revista da FUNDARTE.* Montenegro, p.01-07, ano 21, nº 45, junho de 2021.
Disponível em: http://.seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/revistadafundarte/index> 30 de junho de 2021.

comida vá para meu estômago. Se este tempo vier, não haverá absolutamente qualquer necessidade de meus amigos ou família se preocuparem ou lamentarem. Quando isto acontecer, tudo inevitavelmente ficará claro, mas desde que minha irmã morta começou a habitar dentro de meu corpo, as coisas não funcionam mais assim. Minha irmã, ainda por cima, de nada reclama, apenas faz um som inarticulado uma ou duas vezes por dia. Se ela reclamasse, ela não seria mais como uma irmã para mim e, mais do que isso, desastres nunca mais se aproximariam de minha casa. Então eu estaria em problemas. Como seria eu capaz de comunicar que, porque eu costumava ser um gênio em achar coisas de valor monetário, eu não podia me permitir sonhar? Eu não mais penso que preciso falar sobre o como eu era em minha infância, usando a economia de adultos idealistas.

Eu concebi todo tipo de coisas e fiz com que ficassem eretas pelo longo corredor de uma escola comum, e por isso meu corpo se tornou completamente vazio e obscuro. Fui tomado pelo sentimento de que um esperma, usando um laxante em tudo e abandonado pelo ritmo, estava cambaleando pelo corredor.

Doze ou treze anos depois eu vi o butô de uma jovem mulher que havia rastejado pelas mãos e joelhos embaixo da varanda e lá permaneceu, com um pano de algodão molhado em sua face. Independente do que acontecesse, ela não saía debaixo da varanda. Seu rosto era como carvão queimado, e desde então acredito que ninguém se preocuparia em questionar o que aquela moça e meu esperma comeram que os aproximava. Naquele tempo, besuntei um coelho em um pedaço estilhaçado de madeira molhada e tentei desenhar uma pintura, mas o lápis escorregou e a cor não ficou boa. O sentimento entre o esperma e aquela jovem parecia surgir como fumaça daquele local escondido. Desde então, penso que nunca tive a experiência de concreta e diretamente esconder tal emoção como resultado de uma relação com uma mulher normal e saudável.

Quando penso sobre o espírito exaltado para a fisiologia, meu gosto permanece imperturbado, esmagando sem remorso até a sombra de um corpo nu soluçando na beira do abismo. Após isso, por mais insignificante, por mais indistinto, sinto que um pedaço de mim, difícil de discernir, permanece em luz sutil. É assim

ALEIXO, Daniel; FERREIRA, Pedro. De ter inveja das veias de um cachorro. *Revista da FUNDARTE.* Montenegro, p.01-07, ano 21, nº 45, junho de 2021.
Disponível em: http://.seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/revistadafundarte/index> 30 de junho de 2021.

que as coisas são. Sou alguém que celebra quando pessoas morrem. Não faz diferença se são intelectuais ou até aqueles que defendem escritores. Há um sino dos ventos ecoando em minha cabeça amaldiçoada e quero apenas sentar, como uma criança no limiar da plenitude que está esperando algo a ser entregue. Mas em três anos meu cabelo cresceu pesado demais para tremular ao vento. Eu faço os camponeses que vem à minha casa em Meguro comer como vacas, com os olhos fechados, e urinar em pé, com as cabeças pendendo. Me transformei diversas vezes em um estranho e brutal instrumento musical que nem sequer é capaz de suar e vivi minha vida tornando uma vara de silêncio batendo no silêncio em uma tíbia. Eu transformei a mim mesmo em uma cômoda vazia e em um ofegante tronco de salgueiro. Também vi fantasmas lutarem sumô em um salão e fui capaz múltiplas vezes de criar um bebê que pega seus ossos e sangra pelo nariz. Um dia um vento maligno, como uma bela mulher, veio se movendo em um coágulo e, quando tocou em minha cabeça eu, também, endureci em um caroço.

Quando penso na menarca de uma mulher velha, tenho o sentimento de que posso ir a qualquer lugar. Mas esses fenômenos ocorrem em um mundo em que o som cessou. Me parece que essas coisas, moles como doces sonolentos, irão eventualmente se submeter ao controle das coisas duras e congeladas. Este “eu” respirando perto fará este “eu” distante que, entorpecido pelo frio, nem mais sabe qual ancestral sou, ciente de mim como um corpo virgem. O que danço lá não está nem perto da “butôificação” da experiência, muito menos do domínio do butô. Quero me tornar e ser um corpo com os olhos bem abertos, um corpo tenso ao ponto de estourar em resposta à paisagem majestosa que o cerca. Não que eu considere melhor nesse momento não olhar para meu próprio corpo, mas meu arrependimento por ter olhado é tolhido e sou incapaz de permitir que meu corpo desafortunado germine.

Onde o butô é uma forma de expressão, ele proporciona apenas uma forma de butô quente, que é baseado em toda a gama de invejas e submissões, e sempre toma a forma de súplica e prostração. Isto não é muito importante para mim. Embora uma falta não deixe de ser uma falta, alguém ainda pode chamar qualquer falta em

ALEIXO, Daniel; FERREIRA, Pedro. De ter inveja das veias de um cachorro. *Revista da FUNDARTE.* Montenegro, p.01-07, ano 21, nº 45, junho de 2021.
Disponível em: http://.seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/revistadafundarte/index> 30 de junho de 2021.

seu corpo de autossuficiência. Apesar de ser indecente, devido à minha necessidade de restorar algo ao meu corpo frio, penso que manterei esta face que é fresca ao acordar por mais um tempo. No passado, muito de meu butô costumava sentar em tatamis frente ao jardim. Quando o sol brilhava, eu corria para fora.

Me parece quase evidente qual ajuda meu butô precisa para não ser inconsistente.

ALEIXO, Daniel; FERREIRA, Pedro. De ter inveja das veias de um cachorro. *Revista da FUNDARTE.* Montenegro, p.01-07, ano 21, nº 45, junho de 2021.
Disponível em: http://.seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/revistadafundarte/index> 30 de junho de 2021.